

MEDIADORES SOCIAIS DE LEITURA: PONTES PARA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

“Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos.”
Tzvetan Todorov

Resumo: Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar como as ações de mediadores sociais de leitura contribuíram para a formação literária de professores oriundos de comunidade rural. Considera-se, com base em Pétit (2008; 2009) e Yunes (2009; 2011), que um mediador social de leitura é capaz de proporcionar acesso ao mundo da leitura e desenvolver ou realimentar o desejo por ler literatura em qualquer etapa do processo de letramento literário. Utilizou-se como metodologia a História Oral com abordagem de História Oral de Vida e como referencial teórico os estudos sobre Letramento(s), Letramento Literário, História da Leitura e postulados da Teoria Literária integrados às pesquisas e discussões sobre mediadores sociais de leitura. Os resultados de pesquisa apontam para a existência de práticas de letramento literário pessoal como decorrentes das experiências providas das ações de mediadores sociais pessoais de leitura (avós, pais, tios, amigos, vizinhos, alguns professores), que promoveram acesso à literatura em seus vários gêneros, como também uma visão positiva sobre leitura relacionada com o prazer de ler.

Palavras-chave: Mediadores Sociais de Leitura. Letramento Literário. Formação Leitora.

Dinéa Maria Sobral Muniz
Doutora em Educação; Professora Associada do Departamento de Educação II da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia; membro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING).
sobraldm@ufba.br

Jeovana Alves de Lima Oliveira
Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia; graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana; supervisora do Projeto Ressignificando a Aprendizagem da Rede Estadual de Ensino da Bahia, Diretoria Regional 02.
jeolima@yahoo.com.br

READING SOCIAL MEDIATORS: BRIDGES FOR LITERARY EXPERIENCE

Abstract: This article presents part of the results of a research that aimed to analyze how the actions of reading social mediators had contributed to the literary education of teachers from rural community. It is considered, on the basis of Pétit (2008; 2009) e Yunes (2009; 2011), that a reading social mediator is able to provide access to the world of reading and to develop or feed the desire for reading literature in any stage of the process of literary literacy. Oral History with Life Oral History approach was used as methodology and theoretical studies on Literacy, Literary Literacy, History of Reading and postulates of the Literary Theory were integrated to the research and discussions on the social mediators of reading. The results showed the existence of literary literacy of personal practices in very personal experiences from the actions of reading social mediators (grandmothers, parents, uncles, friends, neighbors, teachers), that provided access to literature in its various genres, as well as a positive understanding about reading, related to the pleasure of reading.

Words-key: Social Mediators of reading. Literary Literacy. Reader.

1 INTRODUÇÃO

Desde estudos sobre as práticas culturais e da história de leitura realizados por autores como Chartier (1990, 2004, 2009), Darnton (1992, 2009), Cavallo e Chartier (1999), Manguel (1999) entre outros, a leitura passou a ser vista e pensada em relação à apropriação das obras pelos leitores. O suporte, a época e a comunidade em que circulam os textos são fatores que interferem nos modos e significados construídos pelos leitores. Assim, questões que perscrutam como e o que leem determinados grupos passaram a ser foco de pesquisas em todo o mundo.

Sinalizamos, no entanto, que o encontro com a leitura, em especial a literária, muitas vezes, só é possível por intermédio de um mediador ou “iniciador aos livros”, termo utilizado pela pesquisadora Petit (2008), para mencionar as primeiras pessoas a “incentivar” o outro a ler. Os mediadores sociais institucionais (escola, biblioteca, família, livrarias etc.), assim como os pessoais (pai, mãe, irmão, tio, vizinho, amigo, professor etc.), são pontes para o desenvolvimento do chamado “gosto” pela leitura, em especial pela leitura literária, em qualquer fase da trajetória de leitura do indivíduo.

Paulino (2010) considera que há três fases integradas ao processo de “aprendizagem literária” no contexto apenas “leitural”: a iniciação literária, das primeiras escutas e leituras; a da formação do sujeito-leitor, ligada à ampliação do repertório e das habilidades literárias por intermédio de mediadores; e a fase da realização literária, em que o leitor não leria mais por obrigação ou influência externa, mas, sobretudo, por desejo, por necessidade. Para a autora, ao considerar tais fases, há de se entender que nem todos os sujeitos conseguem alcançar a última por motivos vários, um deles talvez seja a falta ou a influência não tão positiva dos mediadores sociais de leitura nos eventos de letramento literário no seu processo de formação literária.

Algumas pesquisas na área da educação tendem a focar o processo de mediação de leitura no âmbito escolar, com interesse em verificar o nível de alfabetismo dos alunos e, conseqüentemente, o trabalho do professor em sala de aula, e não direcionam o olhar sobre o processo de apropriação da leitura por intermédio de outros mediadores. Afinal, o indivíduo é ser social e, como tal, vive em constante processo de interação. E um mediador social de leitura é capaz de proporcionar acesso ao mundo da leitura e

desenvolver o gosto por literatura em qualquer lugar e fase da vida (AGUIAR, 1996, 2006; PETIT, 2008, 2009; YUNES, 2009). Ao considerarmos o letramento literário do professor um processo contínuo de aprendizagem literária promovida e desenvolvida pelo contato com a literatura em seus vários suportes e gêneros durante seu percurso de leitura e trajetória de vida, e a presença ou ausência do texto literário em seu cotidiano e profissão nos fazem questionar: quais foram as pessoas e instituições que promoveram a relação leitor-objeto-livro em suas vidas? Como conseguiram livros de literatura, principalmente em lugares com pouco acesso a material escrito? Como esses mediadores (pessoais e institucionais) influenciaram as práticas de letramento literário dos professores?

A aproximação ou o afastamento do leitor do texto literário dependerá, em muitos casos, das interações pessoais e verbais experienciadas na trajetória de vida em diversos ambientes, por isso, a importância em compreender as ações e influência desses mediadores na constituição do sujeito-leitor professor, pois parte dos saberes docentes provém dos momentos de sociabilidade e da história de vida e de leitura do profissional. Logo, conhecer seu universo de formação leitora, os eventos, os mediadores e as práticas de letramento que fizeram parte de sua vida são uma forma de compreender suas ações no processo de “escolarização literária”, para, assim, apreender melhores estratégias de formação profissional.

A história de leitura dos indivíduos é sempre marcada pelas oportunidades de materiais e pelos encontros com outros leitores, principalmente ao se tratar do texto literário. O mediador é, em muitos casos, a ponte entre o leitor e a literatura, uma peça fundamental para formação leitora.

Segundo Cavallo e Chartier (1998, p.7), “uma história sólida da leitura e dos leitores deve, portanto, ser a da historicidade dos modos de utilização, de compreensão e de apropriação de textos”. Dessa forma, uma das possibilidades de entendimento sobre o percurso de apropriação da literatura pelos professores colaboradores é pela utilização das narrativas orais, das suas memórias de leitura literária. Por meio das narrativas, chegamos, então, ao “mundo do leitor” e das “comunidades de interpretação”, as quais fazem parte e compartilham “em sua relação com o escrito, um mesmo conjunto de competências, de usos, de códigos, de interesses” (CAVALLO; CHARTIER, 1998). Conseguimos, então, conhecer no universo singular da narrativa o plural das

experiências do grupo, foco importante para os estudos do letramento e da história cultural de leitura.

Assim, para um melhor entendimento sobre a questão, a pesquisa aqui apresentada utilizou como metodologia a História Oral de abordagem da História Oral de Vida, por entender que essa abordagem tem permitido uma escuta mais apurada das narrativas orais de professores sobre aspectos de sua construção leitora. Foram gravadas, em áudio, entrevistas com professoras de Língua Portuguesa, efetivas da Rede Estadual de Educação da Bahia, as quais foram, nesta pesquisa, identificadas pelos primeiros nomes das seguintes autoras da Literatura: Ruth Rocha, Raquel de Queirós, Cecília Meireles e Clarice Lispector¹.

Buscamos, a partir das memórias evocadas nas narrativas, analisar como as ações de mediadores sociais institucionais e, em especial, os pessoais (professores, familiares, amigos, bibliotecários) contribuíram para a formação literária de professores de Língua Portuguesa do distrito rural de Barreiros, município de Riachão do Jacuípe, Bahia e a influência dessas práticas de letramento literário na relação estabelecida pelas docentes com a Literatura na vida e na prática pedagógica.

Aqui apresentaremos uma parte dos resultados da pesquisa direcionados às experiências literárias possíveis graças às ações de mediadores sociais de leitura no percurso de letramento literário dessas professoras.

2 MEDIADOR DE LEITURA: TECENDO CAMINHOS PARA ENCONTROS E DESENCONTROS COM O TEXTO LITERÁRIO

Etimologicamente a palavra “mediador” deriva do latim *mediator*. O termo “mediador”, então, origina-se de *mediari*, que significa intervir, colocar-se em duas partes, de *medius*, “que está no meio ou entre dois pontos” (CUNHA, 2007, p. 509). Esse termo, entretanto, recobre conceitos diversos a depender do campo de conhecimento. Na área cultural, encontramos o termo mediador cultural, animador cultural e agente de cultura para designar, de forma geral, as pessoas responsáveis por estabelecer a circulação e interação entre as culturas e os sujeitos. Ou seja, pessoas que têm por missão social favorecer o encontro e o diálogo dos diversos mundos inscritos na

¹ As informações sobre as professoras mencionadas encontram-se no capítulo *Caminhos metodológicos*, subseção *Entrevistas com as colaboradoras: quem são as coras coralinas?*, da Dissertação de Mestrado de autoria de Oliveira (2014). Lá e neste artigo, sempre que nos referimos às *professoras colaboradoras*, estamos nos reportando às quatro docentes aludidas e que foram sujeitos de nossa pesquisa.

sociedade por meio da expressão cultural, afinal “cultura e sociedade estão indissociavelmente ligadas” (PIÚBA, 2011, p. 16).

Tratando-se de leitura, o mediador é aquele que medeia, intervém, aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o promotor da relação leitor – objeto – leitura. Também, aquele que pode causar no sujeito o desejo pela colheita produtiva dos sentidos dos textos, descortinar o horizonte do leitor e ajudá-lo a “olhar” a “imensidão do mar” (GALEANO, 2002) de sensações e significados advindos da linguagem, especialmente a literária.

Os pesquisadores franceses sobre práticas de leitura, Chartier e Hébrard (1995), apresentam a seguinte definição para o que denominam “mediadores sociais da cultura”: são procedimentos ou instâncias promotoras de medidas para formar leitores: igreja, escola, universidade, distribuição de livros pelo governo, por instituições ou pessoas particulares, bibliotecas, pais, professores, irmãos etc. Esses mediadores são importantes na formação do leitor, no processo de apropriação dos textos pelos sujeitos, pois suscitam práticas e modos de ler distintos vinculados ao contexto social do leitor (CHARTIER; HÉBRARD, 1995 apud GUEDES-PINTO, 2008, p. 424).

Consideramos os mediadores como figuras sociais de promoção de leitura, como preconizado pelos autores Chartier e Hébrard (1995 apud GUEDES-PINTO, 2008), por acreditarmos que, “quanto maior for o contato do sujeito com todas essas instâncias de interferência (ou de mediação), tanto maior serão suas chances de se tornar leitor” (AGUIAR, 1996, p. 25), embora saibamos da possibilidade de interferência negativa do mediador no processo de mediação. Para um melhor entendimento da influência dos mediadores sociais no percurso de letramento literário dos professores, indicamos como mediadores institucionais: família, igreja, escola, biblioteca, governo, sindicato, livrarias, ou seja, lugares ou instâncias de acesso ao objeto de desejo – o livro – e como mediadores pessoais: pai, mãe, irmão, avó, avô, tio, primo, professor, bibliotecário, amigo, livreiro, vizinho, todas as pessoas que além de possibilitarem acesso ao livro, influenciam o ato de ler, despertam o interesse e gostos literários. Esses mediadores podem ser considerados, de alguma forma, responsáveis pelos diferentes modos de ler e os significados sociais dos textos inscritos na constituição dos sujeitos leitores, desde tempos remotos na história do livro e da leitura.

Relata Manguel (1999) que, no Egito, em 1004, o califa al-Hakim fundou a Dar-al-Ilm, uma enorme Academia, na cidade do Cairo, “doando ao povo sua importante

coleção de manuscritos e decretando que ‘todo o mundo pode vir aqui para ler, transcrever e instruir-se’” (MANGUEL, 1999, p. 47). O califa, dessa forma, figura-se como um mediador social de leitura de caráter institucional, promotor de uma ação mais ampla de disseminação da cultura escrita, com o objetivo de “tornar o Cairo [...] a capital da busca artística e da pesquisa científica [...]” (MANGUEL, 1999, p. 47) por via do acesso ao livro e, conseqüentemente, à leitura.

Chartier (2004, 2009) esclarece-nos que, embora o acesso ao texto impresso fosse difícil e restrito no Antigo Regime, o movimento de ambulantes, párcos, vendedores de livretos da Biblioteca Azul², além das práticas de leitura eclesiásticas, acabaram por impulsionar a leitura em seus diversos protocolos. Ou seja, a ação social dos mediadores de leitura proporcionou o acesso aos textos e o desenvolvimento de modos de ler individuais e coletivos característicos das práticas culturais de cada sociedade, assim como, a circulação de textos em vários suportes e com certas especificidades tipográficas, derrubou fronteiras sociais e geográficas, o que pode favorecer a disseminação da leitura nos meios urbanos e rurais.

A história de leitura é também a história da relação com o outro, por isso, o mediador pessoal é tão importante no processo de apropriação dos textos lidos, seja de forma presencial ou à distância. Pensemos no caso descrito e analisado por Darnton (2009) no século XVIII. O pesquisador realizou análise do processo de leitura de Jean Ranson, um leitor francês “comum”, aficionado pelas ideias de Rousseau; utilizou, para isso, um dossiê de cartas enviadas pelo mesmo ao seu antigo mestre Frédéric-Samuel Ostervald. Este acaba por ser o responsável pelo envio dos livros solicitados pelo seu antigo aluno, como também, pela interlocução sobre família e literatura. Ostervald é a figura do mediador que abastece o desejo do leitor por livros e sacia a necessidade de compartilhamento das descobertas suscitadas pela leitura.

Outra estudiosa da leitura e da formação do leitor, Michéle Petit (2008), em seu livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, demonstra, por meio dos relatos das experiências de leitura de jovens camponeses e filhos de imigrantes moradores nas periferias da França, a influência de mediadores sociais de leitura pessoais, denominados também de “iniciadores aos livros” (PETIT, 2008, p.152) para a formação

² O termo “Biblioteca Azul” refere-se a livros baratos, vendidos por ambulantes na França do Antigo Regime. O *corpus* era constituído por todos os gêneros, a todas as épocas, a todas as literaturas, inclusive de origem erudita, contudo passavam por um processo de adaptação tipográfica e por censura, para torná-los legíveis a leitores não familiarizados com o livro, num processo de popularização das formas do objeto livro. (CHARTIER, 2004, p. 09).

literária desses adolescentes. Sinaliza, a partir dos depoimentos desses jovens, como “um mediador pode influenciar um destino” e afirma que “o gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida” (PETIT, 2008, p. 158).

A biblioteca e a pessoa do bibliotecário também são mediadores importantes para a formação leitora. Contudo, segundo Petit (2008, p. 166), não é apenas a existência da biblioteca ou da escola “que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário que, levado por sua paixão, transmite-a através de uma relação individual”. A pesquisadora Vera Teixeira de Aguiar (2006), no artigo *O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade*, tece comentários sobre as lacunas na função do profissional bibliotecário no que tange à formação de sujeitos leitores. Afirma, então, não bastar apenas acervo físico para formação do leitor, e sim “o trabalho do bibliotecário como animador cultural” (AGUIAR, 2006, p. 259). Para que isso ocorra, segundo ela, torna-se imprescindível a um bibliotecário bom conhecimento sobre o acervo, além de uma atitude positiva diante da leitura e dos usuários. Dependerá, assim, da atitude desse profissional, considerado pela autora como “animador cultural”³ a aproximação ou o afastamento dos leitores usuários dos livros, especificamente dos literários. Por certo, “o grau elevado de interesse do bibliotecário pela leitura mobiliza emocionalmente o jovem e vai ser um fato marcante em suas lembranças de leitura” (AGUIAR, 2006, p. 259), como também a falta desse mediador institucional e pessoal será marcante na lembrança do leitor, como constatamos na pesquisa.

3 A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA COMO MEDIADOR INSTITUCIONAL PARA A FORMAÇÃO LITERÁRIA

Na pesquisa sobre as experiências dos jovens com a literatura na França, Petit (2008) também discorre sobre a importância desse local e, em especial, desse mediador pessoal, o bibliotecário, no processo de aprendizagem literária. Para muitos jovens entrevistados, a leitura compartilhada ou a indicação de livros realizados por um bibliotecário permitiu-lhes encontrar a magia da linguagem literária, assim como a

³ O termo “animação cultural” é conceituado como ferramenta pedagógica de intervenção que pode ser utilizada em diferentes contextos sociais. Segundo Melo (2006, p. 67), “cabe ao animador [...] despertar e ampliar, em cada indivíduo, a descoberta subjetiva do prazer enquanto princípio transformador de vida”.

possibilidade de acesso aos livros “gratuitamente”, pois os familiares não possuíam condições financeiras para comprá-los.

Para as professoras colaboradoras, esse espaço de mediação, na infância, não existiu ou era decorativo. Como não havia bibliotecas, cabia a outros mediadores sociais, tais como família ou amigos, a função de suprir a necessidade das professoras por leitura, como veremos adiante.

Na época, eu estudava aqui, na escola não tinha biblioteca, a gente não tinha acesso nenhum a livro. Meus pais também não tinham condições de comprar romances. Minha mãe [...] lia os livros de Geografia, de História que ela ainda tinha [livros didáticos]. E eu gostava de ler os livros de História do Brasil. Mas outros livros de literatura a gente não tinha acesso, a não ser o livro didático. (PROFESSORA RUTH, 2013).

Que na época o Estado não fornecia livros e ele [o pai] sempre estava lá para dar o estudo. (PROFESSORA RAQUEL, 2013).

Podemos inferir pelos relatos de nossas colaboradoras, em especial pelo da professora Raquel, filha de pais com pouca escolarização ou como diz “semianalfabetos”, a figura de um mediador não leitor de literatura. Assim mesmo, com poucos recursos financeiros, seu pai comprava-lhes os livros desejados, mesmo quando não solicitados pela escola, realizava, dessa maneira, uma das funções de uma biblioteca que é promover acesso aos livros, um dos princípios básicos para a formação de leitores. Abreu, incisivamente, destaca que leitores não precisam ser compradores e que deve ser papel do governo, na área específica da leitura, aumentar o número de bibliotecas públicas e ampliar seus acervos (ABREU, 2001). Isso para que se possa formar leitores de literatura a partir do devido contato com textos literários. Se todo leitor tem o direito de não ler (PENAC, 1993), é imprescindível garantir o direito de acesso ao que se deseja ler (impresso ou não), por isso, a falta de bibliotecas públicas é uma forma de exclusão, de segregação social. Além disso, saber fazer uso dos recursos disponíveis em uma biblioteca é uma forma de letramento que necessita de aprendizagem para ser efetivado, e a escola é o lugar mais propício para essa iniciação.

Nas histórias de leitura das colaboradoras, a biblioteca, ausente na infância, é referida, a da universidade, como local para “pegar” livros, esses destinados às atividades acadêmicas. Um local distante, portanto, daquele do contato com textos literários para serem lidos de forma livre. Sem ter seu desejo por literatura sustentado por professores ou bibliotecários (não há referência), a biblioteca universitária, desvinculada do letramento escolar, não era vista nem vivenciada como um espaço para

descobertas de achados literários, de leituras imprevistas. Essa situação rememorada decorre de uma visão restritiva da importância social da biblioteca e é indicativo de distanciamento da literatura por motivação pessoal, pelo prazer de ler literatura.

Dados da pesquisa intitulada *Retratos de Leitura no Brasil*, publicados em 2012⁴, revelam que 75% dos entrevistados não frequentam bibliotecas e, dos que frequentam, 71% a consideram “um lugar para estudar”, e 61%, “para pesquisar”. Esses dados indicam a representação social da biblioteca como lugar restrito a um público acadêmico e não como espaço de ampliação cultural, o que reduz sua função social e, conseqüentemente, a inserção de novos usuários, não estudantes.

Ao tecerem considerações sobre como trabalham com a literatura, as professoras colaboradoras avaliaram a biblioteca ou a sala de leitura da escola, fruto das ações de incentivo à leitura do Governo Federal e Estadual, referidas como ausência em suas vidas, como veículos de promoção da leitura literária na comunidade escolar.

Vários alunos me deram depoimentos falando: “Ah, pró! Quando a senhora falou daquele livro, me deu curiosidade de saber como era aquilo. Vou ler o livro!” E liam mesmo. Lá na escola, já tinha biblioteca, e eu via que eles iam lá e pegavam os livros e liam. (PROFESSORA CLARICE, 2013).

A biblioteca da escola é vista, então, como espaço para busca de leituras por prazer e não apenas como lugar destinado às demandas escolares. Esse movimento favorecido pela prática pedagógica das professoras, bem detalhado no capítulo cinco da Dissertação de Mestrado de Oliveira (2014), promove uma relação positiva dos alunos com esse importante ambiente para a formação leitora, pois os ajuda a vislumbrar a biblioteca como local de pertencimento, de circulação livre, de encontros literários, experiências que perdurarão por todas as fases das suas trajetórias de vida.

Essa trajetória será delineada conforme a literatura é apresentada aos leitores, conforme o seu desejo de ler seja realimentado, pois é “o desejo que revela o oco, onde a literatura, da menos prestigiada à mais refinada, fica à espera do leitor para quem” o mediador “pode revelar o caminho” (MUNIZ, 1999, p. 360).

As narrativas das professoras colaboradoras apontaram, além dos mediadores familiares, alguns amigos como “iniciadores aos livros” ou realimentadores do desejo de ler literatura em diversas fases, seja pela ação de presentear-las ou emprestar-lhes livros. A participação em “tertúlias” literárias, isto é, conversas sobre literatura, no

⁴ Os dados da pesquisa estão disponíveis em:
http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf

ambiente de trabalho e em outros locais, também foram lembradas como maneiras de sociabilidade importantes para encontros com textos literários desconhecidos ou esquecidos.

E aí a gente fazia o ciclo do livro. Comprava aqueles livros no Círculo do Livro⁵. [...] A gente lia, uma passava para outra, cada uma comprava e fazíamos um rodízio de livros. Nessa época, eu li muito [...], foi a época que eu mais li. (PROFESSORA RUTH, 2013).

E acho que me marcou muito esse amigo meu também, que eu conheci já depois que eu concluí a faculdade. Antes, inclusive, nem ligava em livros de Clarice Lispector. Foi ele quem começou a me falar dela [...] Aí, já comecei a ler a obra dela quase toda e eu amei. Acho perfeita. (PROFESSORA CLARICE, 2013).

Os mediadores foram importantes para a formação leitora das professoras, por propiciar, por meio de uma rede de sociabilidades, a circulação e a apropriação dos textos. Sem eles, isso teria sido muito difícil, principalmente, em uma comunidade rural, sem bibliotecas. Entretanto, a prática de empréstimos de livros entre amigos não é específica de comunidades rurais como demonstram dados da pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil*, 2012. Dos leitores entrevistados, 38% sinalizaram que obtiveram acesso a livros por meio de empréstimos de amigos e parentes, e 70% do total de entrevistados afirmaram já ter emprestado livros para outras pessoas.

Tornar-se um leitor de literatura é algo que demanda longo tempo, diferentes fases e nem sempre uma fase leva a outra. A condução das fases dependerá das experiências que o leitor tiver com o texto literário em cada uma delas. E o papel de mediador é fundamental para o processo de aprendizagem literária, em todas as fases e, em especial, na dos primeiros contatos com a literatura, como veremos a seguir.

4 OS MEDIADORES DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS

Quando ativamos nossas memórias de infância, os primeiros contatos com o mundo da narrativa estão geralmente associados à família. É nessa instituição que as

⁵ “Círculo do Livro foi uma editora brasileira estabelecida em março de 1973, através de um acordo firmado entre o Grupo Abril e a editora alemã Bertelsmann. Vendia livros por um ‘sistema de clube’, onde a pessoa era indicada por algum sócio e, a partir disso, recebia uma revista quinzenal com dezenas de títulos a ser escolhidos. O novo sócio teria, então, a obrigação de comprar ao menos um livro no período”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo_do_Livro>. Acesso em 16 dez. 2013.

crianças aprendem os primeiros significados sociais da leitura e da escrita e, algumas vezes, compartilham experiências com o literário oral ou escrito.

O escritor João Ubaldo Ribeiro, no texto *Memória de livros*, na obra *Um brasileiro em Berlim*, relata suas primeiras experiências de leitura, durante sua infância, na cidade de Aracaju. Descreve a relação obsecada que todos da família tinham com os livros e como o pai e os avós foram mediadores importantes para sua trajetória, para sua paixão por livros e pela leitura. Assim, finaliza o texto:

Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquele universo que nunca volta, dos meus olhos de criança vendo tanto que entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra, de meu pai, de meus avós, do velho casarão mágico de Aracaju. (RIBEIRO,1995, p. 137).

Muitas famílias oriundas de cultura oral ou com dificuldades econômicas não conseguem realizar a mediação em leitura com uso do texto escrito– como faziam os pais e avós de João Ubaldo Ribeiro, leitores vorazes, mas podem ser consideradas mediadoras sociais de leitura, por iniciar seus filhos no mundo das narrativas, por meio da contação de histórias de memória, como a personagem Tia Nastácia do Sítio do Picapau Amarelo, como também por promover acesso ao objeto livro, comprando-o quando possível. Nas histórias de leitura das professoras colaboradoras, oriundas de comunidade rural, são muito significativas as experiências vividas na infância em momentos da mediação realizada por familiares – pais e avós:

Os avós da gente, os parentes mais velhos contavam histórias. Eu cansava de, à noite, todos os dias [...], final da tarde, a gente sentava num banco, na frente da casa de meu avô [...], e meu a avô e minha avó faziam isso, era sagrado. [...] Minha avó brincava. Brincavam e contavam histórias ou então falavam alguma coisa para gente que era como exemplo de vida! [...] Talvez seja isso que falta na vida e no mundo dos alunos. (PROFESSORA CECÍLIA, 2013).

A contação de histórias da literatura oral é uma prática cultural preservada em muitas comunidades rurais, no Brasil e, especialmente, na Bahia (BESNOSIK, 2002). É uma forma de introdução das crianças ao mundo das narrativas ficcionais pela voz de um mediador/ narrador afetivo, que projeta em sua fala suas vivências, experiências, cultura, podendo, dessa maneira, além de preservar a tradição oral, apresentar ao ouvinte a narrativa como arte de amor, de pertencimento, de emoção, de prazer, de interação tal como descrito pelas professoras, quando se lembraram dos momentos de audição das histórias contadas pelos seus avós durante a infância. ‘

Essas lembranças “de pequeninha(s)” das professoras estão revestidas de emoção e saudades. Indicam momentos de afetividade, pertencimento e diálogo familiar proporcionados pela literatura oral, significativos na iniciação literária delas. As memórias de infância dos primeiros contatos com a narrativa recobrem também experiências das leituras feitas “com os ouvidos”⁶, geralmente introduzidas por parentes próximos ou primeiros professores. Segundo Yunes (2009, p. 74), essa prática social é “um fator determinante de iniciação prazerosa no contato com os livros”, por envolver, entre os interlocutores, o estabelecimento de laços afetivos e maior liberdade imaginativa, conduzida pelas vozes intrínsecas ao ato de ler em voz alta: a voz do mediador e as vozes do texto literário. Essas vozes farão parte do mundo subjetivo do leitor, do acervo de vivências literárias que o ajudarão a ler a partir da associação com o “repertório que ‘escutou com seus olhos’ anteriormente” (YUNES, 2009, p. 82).

A prática de leitura em voz alta foi marca das sociedades dos séculos XIII a XVIII, período em que a alfabetização era rara, e o livro, propriedade de poucos. Por isso, para muitos, a única maneira de contato com a cultura escrita era por intermédio da leitura compartilhada realizada por mediadores. Essas leituras ocorriam no seio da família, como também, em locais públicos e eram realizadas com o intuito de entretenimento ou de instrução (MANGUEL, 1999; CHARTIER, 2004). Esse tipo de evento de letramento, por sua importância na formação leitora, atualmente, é revisitado e fomentado nas instituições escolares e em projetos de disseminação da leitura em todo o mundo.

Nas memórias de infância das professoras colaboradoras, o momento das leituras “solidárias”, como diz Yunes (2009), está vinculado à família e aos amigos e não às práticas escolares vivenciadas. A leitura, na escola, era direcionada à decodificação oral do escrito e à realização de atividades mecânicas indicadas nos livros didáticos, sem contato com livros de literatura, como relatado pelas professoras:

No tempo de escola, a leitura, que eu me lembro, é que eu fazia na sala de aula, era aquela sabatina, que a professora fazia sabatina de leitura. A gente tinha o livro de Português [...] você tinha que ler determinado parágrafo para estudar em casa. Isso foi da primeira à quarta série⁷. (PROFESSORA RUTH, 2013).

⁶ Expressão do escritor Eduardo Galeano, no texto *Função do leitor*, no *Livro dos abraços*, e citado pela professora Eliana Yunes (2009).

⁷ Atualmente, primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental I.

A prática de leitura descrita pelas professoras demonstra um ensino sem preocupação com a construção de sentidos nem com contato com livros de literatura, uma mediação que não desenvolvia protocolos de leituras individuais e compartilhadas, importantes para o desenvolvimento do gosto pela literatura nas crianças.

Embora sem acesso devido à literatura no ambiente escolar, as professoras colaboradoras puderam manter contato com textos literários destinados ao público infantil através das ações e iniciativas de outros mediadores sociais, tais como mãe, pai, tia, que compravam ou lhes emprestavam livros. Esses mediadores fazem parte das “memórias de felicidade clandestina” das professoras, em uma alusão tanto às memórias de infância quanto, pedimos licença aos críticos para realizar essa relação específica, ao ato da mãe da menina gorda e ruiva do conto de Clarice Lispector, *Felicidade clandestina*, que, pela ação do empréstimo, proporcionou um prazer intenso à narradora, por ter podido possuir o livro tão desejado por tempo indeterminado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] cuanto menos entendidos y competentes em arte lós sujetos receptores, tanto más grandes, diversas e importantes tendrán que ser las mediaciones.”

Arnold Hauser

A investigação nos possibilitou refletir a preeminente necessidade de dar “voz” aos professores para, assim, compreendermos melhor o significado de seu processo de formação, um processo que perpassa a história de vida do sujeito constituído pela interação social, pois “somos atravessados por uma permanente intersubjetividade, quer queiramos, quer não” (YUNES, 2009, p. 33). Dessa forma, a partir dessa visão, adentramos em suas histórias de leitura, seus percursos de letramento literário promovidos pelos mediadores sociais de leitura. E constatamos a importância das ações desses personagens para a aproximação e afastamento do leitor do texto literário em diversas fases da caminhada.

A pesquisa revelou que as memórias de leitura, na escola, das professoras do estudo são de vazios, sem contato com obras literárias. Foi uma prática focada na decodificação e nas respostas a exercícios mecânicos de interpretação. Revelou, ainda, que foi graças a esses “iniciadores de leitura” que as docentes puderam vivenciar, na

infância, a experiência da leitura dos contos de fadas, das fábulas e das histórias em quadrinhos.

Assim, caso as professoras, oriundas de comunidade rural com pouco acesso a livros, só pudessem ter contato com a literatura por via da instituição escolar, a lacuna de leitura de gêneros literários seria maior. Tal fato tanto nos faz referendar a ação e a prática de letramento literário desses mediadores como nos conduz a salientar a necessidade urgente de execução das diretrizes da “Lei do Livro” para uma efetiva democratização da leitura no país.

Pela sua importância, devemos considerar como uma necessidade a existência de mediadores sociais de leitura. É que tais atores sociais, muitos deles, a despeito de não terem sido beneficiados com amor pela literatura (PETIT, 2008), uma vez que esse lhes foi negado como direito, realizam uma ação de “interferência” (AGUIAR, 1996) promovendo, assim, o necessário contato com o texto literário. Sua existência precisa ser reconhecida, já que não se pode negar o legado desses mediadores para a formação das crianças, visto que, traduzindo o pensamento em epígrafe, quanto menos entendidos e competentes em arte forem os sujeitos receptores, tanto maiores e diversas terão que ser as instâncias mediadoras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. [20--]. Originalmente apresentado na Mesa-Redonda Práticas de Leituras: história e modalidade, no XIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 12 dez 2013.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. **Revista TB**, n. 124, p. 23-24, jan./mar. 1996.

_____. O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade. In: AGUIAR, Vera T. de; MARTHA, Alice A. Penteadó (Orgs.). **Territórios da leitura**: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

BESNOSIK, Maria Helena da Rocha. **Encontros de leitura**: uma experiência compartilhada com professores de zona rural da Bahia. 2002. 269f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. v. 2.

_____. Introdução. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, A. M.; HÉBRARD, J. **Discursos sobre a leitura: 1880-1980**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger (Org.). **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1990.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DARNTON, Robert. História de leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. A leitura rousseauista e um leitor “comum” do século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GALEANO, Eduardo. **Livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. Disponível em: <<http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/03/O-Livro-dos-Abra%C3%A7os-Eduardo-Galeano.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Os mediadores das práticas de letramento de professores em formação inicial. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. LemD, Santa Catarina, v.8, n.3, p. 417-437, set./dez., 2008.

HAUSER, A. **Sociologia del arte**. Barcelona: Labor, 1977. v.4.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. In: _____. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANGUEL, Alberto. **Uma história de leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

MELO, V. A. de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papirus, 2006.

MUNIZ, Dinéia M. Sobral. **Pedagogia do desejo de ler**. 1999. 397 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

OLIVEIRA, Jeovana Alves de Lima. **Mediadores das práticas de letramento literário na voz de professores de Língua Portuguesa**. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

PAULINO, Graça et al. A formação de professores leitores literários: uma ligação entre infância e idade adulta? In: PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: FAE/UFMG; Pelotas: EDGUFPEL, 2010.

PENNAC, Daniel. Tradução de Leny Werneck. **Como um romance**. Rocco: Rio de Janeiro, 1993.

PETIT, Michéle. **A arte de ler. Ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Buenos e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PIÚBA, Fernando dos S. Inclusão social e cidadania cultural. In: YUNES, Eliana (Org.). **Leitores a caminho: formando agentes de leitura**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymará, 2009.